POLICE

O ESTADO DE SÃO PAULO - Sexta-feira, 12 de novembro de 2004 – pág.8- Espaço Aberto

ESTADÃO

O governo te odeia!

João Mellão Neto

O motor do carro de minha mulher, de repente, travou. Tinha apenas 30 mil quilômetros de uso. Acreditei, ingenuamente, que ele tinha garantia. A concessionária garantiu-me que não. Fiz três orçamentos diferentes. No fim, reparei o dano pela "módica" quantia de R$ 6 mil.

No mês passado foi a vez do meu automóvel. Com menos de 40 mil quilômetros, a suspensão dele pifou. Traça isso, troca aquilo, total da conta: R$ 4 mil.

Não sou milionário. Esses dispêndios inesperados arruinaram o meu orçamento. Sei lá quantos mais virão.

O computador de minha casa queimou. Segundo o técnico, foi uma descarga extra de voltagem. Mais uma fortuna para consertar.

Em agosto, a iluminação pública da minha rua apagou. Reclamei para a Prefeitura, para a Eletropaulo, para o bispo. A luz só voltou depois de dois meses.

Em dezembro passado, ao fazer o balanço de receitas e despesas do ano, descobri que os custos extraordinários superavam de longe os custos fixos.

Aprendi amargamente a velha lição: depois de fazer uma provisão para gastos imprevisíveis, acrescente mais 50% para "imprevistos imprevisíveis".

Já estou perdendo a sensatez.

Começo a levar a sério aquela folclórica teoria conhecida como a "Conspiração dos Objetos".

O axioma básico é o de que os objetos te odeiam. E você não deve jamais contar com a boa vontade deles. Ao contrário, eles tudo farão para atazanar a sua vida.

Um objeto sempre cai do jeito que causa mais dano, incômodo ou prejuízo.

Um aparelho protegido por um fusível protegerá o fusível, queimando antes.

Uma reforma em sua casa sempre demora o dobro e custo o triplo do previsto no projeto.

As ferramentas, quando caem no chão, invariavelmente vão sempre para o canto mais inacessível da oficina.

E vai por aí afora.

A "Conspiração dos Objetos" é verossímil, pois é assim que se dão as coisas na vida prática. Como reza a Lei de Murphy: "Se uma coisa pode dar errado, dará. Entre as coisas impossíveis de darem errado, algumas darão. Se houver possibilidade de várias coisas darem errado, dará errado aquela que causar maior prejuízo. Quando um erro é descoberto e corrigido, depois se descobre que não estava errado."

Antes que eu me torne um paranóico irrecuperável, talvez seja melhor procurar uma causa comum para todos os infortúnios.

Afinal, reza o bom senso que - por maior que seja o nó -, se uma corda tem uma ponta, procure, porque há de ter outra...

Nós vivemos num país muito peculiar. Pagamos impostos de Primeiro Mundo e recebemos de volta serviços de Quarto Mundo.

Em vez de sair gritando por aí que "os objetos te odeiam", seria mais exato dizer que, na verdade, é o governo que te odeia...

Pensando assim, as coisas parecem fazer mais sentido.

Voltemos ao caso do carro da minha mulher. Segundo os mecânicos, a avaria no motor se deu por causa da péssima qualidade do nosso combustível.

Ora vejam só! Mais de metade do preço da gasolina são impostos. O governo, nas suas três esferas - municipal, estadual e federal -, não tem a menor piedade de cobrar de mim o preço de um litro a cada dois que eu adquiro.

O mínimo que se espera é que ele tenha a decência de, pelo menos, controlar a qualidade do combustível.

Doce ilusão! Li ainda ontem, no jornal, que a polícia, por amostragem, constatou que mais de 60% da gasolina, na Grande São Paulo, está adulterada. Adicionam solventes, álcool em excesso, e o resultado é que eu, cidadão honesto e pagador de impostos, sou obrigado a morrer com R$ 6 mil para recuperar o meu motor.

A suspensão do meu carro não quebrou por maus fados. Alega a oficina que a causa do dano é o péssimo calçamento de nossas ruas e estradas. Para onde vai o dinheiro do escorchante IPVA que me cobram todos os anos? Eu pago um preço por ter carro, mas o governo, em contrapartida, não me dá um asfalto decente para sobre ele rodar.

O meu computador queimou por causa de uma sobrecarga elétrica. Nada mais justo que a concessionária de eletricidade me restitua o meu prejuízo. Afinal, isso está previsto no Código de Defesa do Consumidor. Bobagem!

Meu advogado me advertiu que o tempo perdido e o custo de processar a concessionária não compensam. A Justiça é lenta, disse-me ele. E a fortuna que eu pago de Imposto de Renda? Não é o suficiente para que o Estado, pelo menos, faça a Justiça andar?

Minha rua ficou dois meses sem iluminação pública. Só depois de uns 20 telefonemas malcriados é que a Prefeitura veio consertar. Mas a taxa de luz não atrasa. Ela chega pontualmente todos os meses - e ai de mim se não pagar!

E vai por aí afora. E eu ainda tenho que me considerar um privilegiado. Volta e meia, vem um secretário da Receita qualquer para propor alíquotas maiores de Imposto de Renda para as faixas salariais mais altas.

Por falar em imposto, outro dia recebi uma fatura para pagar débitos atrasados de uma lanchonete que eu possuí há 25 anos, fechei logo depois por causa do prejuízo, e agora tenho de pagar débitos com a Receita relativos a um tal de "lucro presumido"...

Não, na verdade, não são os objetos que te odeiam.

É o governo.

Ele te cobra por você trabalhar, cobra mais se você trabalhar com sucesso e te onera também pelos serviços que ele se recusa a prestar.

Eu pago duas vezes por tudo.

Pago o INSS e pago também o plano de saúde.

Pago pela educação de todos e pago pela dos meus

filhos, na escola particular.

Pago a segurança pública, mas não posso abrir mão do vigia da rua.

Para mim, chega! Pára este país, que eu quero descer!

João Mellão Neto, jornalista,

foi deputado federal, secretário e ministro de Estado.